



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e  
Crítica Literária da PUC-SP**

**nº 25 – dezembro de 2020**

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2020i25p199-203>

**MARTINS, Ana Cecilia Impellizieri. O homem que aprendeu o Brasil:  
a vida de Paulo Rónai. São Paulo: Todavia, 2020. 384 p.**

*Sávio Alencar\**

Quem abre um livro e nele encontra a história de um judeu húngaro que, em meio à guerra, lê livros, vai ao cinema, compra flores e joga xadrez pode achar que tem em mãos uma obra de ficção. Engana-se se assim pensa. O homem é Pal Rónai (1907-1992), personagem de carne e osso. Aos 33 anos, é convocado a servir em um campo de trabalho para judeus na ilha de Háros-Szigeti, cerca de 20 quilômetros do centro de Budapeste. É assim que, a cada licença concedida pelo serviço militar, o professor e tradutor escapa de uma rotina de punições e atividades humilhantes para, no pouco tempo que lhe sobra, tocar a vida no contexto de uma Europa convulsionada pela Segunda Guerra Mundial.

Acompanhando com angústia o quadro da guerra pelo rádio, ele poderia antever o círculo se estreitando ao seu redor. Em pouco tempo, aquele campo de trabalho iria se transformar no campo de concentração que as forças nazistas tragicamente consagraram. Naqueles dias, a esperança tinha endereço, mas morava longe, além-mar. Pál buscava com obstinação uma nova pátria para recomeçar, deixando para trás pais, irmãos, amigos e uma namorada, Magda Péter. Foram nessas circunstâncias que o Brasil, nação jovem para o já caduco Velho Mundo, entrou em cena, redesenhando definitivamente a vida do tradutor. Faltava pouco para Pál ser Paulo.

---

\* Universidade Federal do Ceará – UFC; Programa de Pós-Graduação em Letras – Fortaleza – Ceará – Brasil – [salencarlimalopes@gmail.com](mailto:salencarlimalopes@gmail.com)

A história desse percurso, à qual não faltam marchas e contramarchas, episódios de dor e glória, é contada por Ana Cecília Impellizzeri Martins na biografia *O homem que aprendeu o Brasil: a vida de Paulo Rónai* (Todavia, 2020), resultado de uma pesquisa realizada em âmbito acadêmico e que agora ganha formato acessível a um público mais amplo. O trabalho tem origem na tese *Paulo Rónai, um homem contra Babel: o itinerário de engajamento no Brasil* (2015), realizada no Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Jornalista e historiadora, com passagem pelo *Jornal do Brasil* e pela *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Ana Cecília também foi a responsável por aproximar Paulo Rónai ao leitor do século XXI. Pelas Edições de Janeiro, editou *Encontros com o Brasil* e *Como aprendi o português e outras aventuras*, ambos de 2014. Hoje, é sócia e editora da casa editorial Bazar do Tempo.

Na feitura da biografia, composta por oito capítulos que seguem a linha cronológica dos eventos, os registros pessoais de Paulo Rónai em diários e cadernetas ocupam um lugar preponderante, documentos que, do começo ao fim, amparam o projeto enunciativo da pesquisa. A biógrafa apresenta ao leitor o conteúdo de um acervo particular, preenchendo as lacunas próprias do gênero confessional com uma narrativa que amalha fatos e cenas da Hungria sob a tensão da guerra, e mesmo antes dela, quando a vida em solo húngaro era possível e um jovem Pál Rónai trabalhava para merecer seu destino, entre aulas, traduções e contribuições na imprensa local. Nesse sentido, o livro interessa também por apresentar ao leitor brasileiro o panorama histórico e cultural húngaro dos tempos da mocidade do biografado. É esse o período que circunscreve o início da narração da vida de Paulo Rónai, que conhecemos já em janeiro de 1928, aos 20 anos, estudante da Faculdade de Filosofia da Universidade Pázmány Péter – episódios de sua infância e adolescência não se fazem registrar no quadro geral da narrativa biográfica. A pesquisa, se não avança em sua genealogia, revela dados significativos sobre o núcleo familiar mais imediato, os pais (Miksa Rónai e Gisela Lövi Rónai) e os irmãos (Clara, Jorge, Francisco e as gêmeas Eva e Catarina), também flagrados nas fotos que a biografia encarta.

Filho de dono de livraria, Paulo Rónai dedicava-se ao estudo de diversas línguas (latim, francês, italiano). Não tardou para chegar ao português. Sua curiosidade acerca da língua e da literatura brasileiras assumiu, a partir de 1938, forma de trabalho rigoroso de um tradutor devotado ao ofício. Tratou de conhecer a fundo a poesia brasileira do raiar do século XX e verteu para o húngaro poemas de escritores e escritoras atuantes no

período: Ribeiro Couto (seu principal correspondente brasileiro), Jorge de Lima, Mário de Andrade, Cecília Meireles, Adalgisa Nery, entre outros. Em meio à guerra, em setembro de 1939, lançava *Brazilia üzen: Mai Brazil költök (Mensagem do Brasil: os poetas brasileiros da atualidade)*, antologia que inaugurava uma relação frutífera e longeva com a literatura do país, ao qual chegaria muito em função desse trabalho.

Paulo Rónai desembarca no Rio de Janeiro em março de 1941, depois de ter considerado outros destinos (Uruguai, Chile, Colômbia, Austrália e Islândia). Se a capital do país lhe apresentava uma vida que se abria em botão, o coração ainda estava na Hungria. O destino incerto da família e de Magda rondava suas preocupações de forma obsedante. Paulo “trabalhava com o impossível” para ter a amada perto de si, com quem logo depois se casaria por procuração. Valia-se, então, de sua rede de amigos, entre eles os poetas Augusto Frederico Schmidt e Carlos Drummond de Andrade. Ambos, mantendo boa relação com o Governo, poderiam lhe facilitar a passagem pelo caminho de pedras que tinha se tornado a obtenção do visto para Magda, já tendo o Brasil, naquela altura, cortado as relações diplomáticas com a Hungria.

Paulo suplanta essas preocupações, confiadas ao espaço seguro do diário, com muito trabalho, ao qual recorre como uma “espécie de narcótico”, confessaria a Ribeiro Couto em carta. Com Aurélio Buarque de Holanda, amigo de todas as horas, trabalha intensamente, a partir de 1945, na coletânea *Mar de histórias*, que apresentaria ao leitor brasileiro um apanhado da tradição do conto em diversas línguas e tempos. Nessa antologia universal chancelada pela editora de José Olympio, Paulo e Aurélio pesquisavam, selecionavam, traduziam e revisavam os textos, dando provas de um empreendimento paradigmático no mercado editorial brasileiro, que também vivia sua era de ouro no tocante às traduções. Nesse contexto, Paulo assume outra tarefa de peso: coordenar, na editora Globo, a tradução de toda *A comédia humana*, de Balzac, com um time que incluía nomes como Mario Quintana e Carlos Drummond de Andrade. Ambos são projetos de fôlego, que se estendem por anos, e imprimem de maneira definitiva a marca de Paulo Rónai na vida literária brasileira. Na biografia, Ana Cecilia percorre com acuidade os bastidores dessas empreitadas. Para quem se dedica à história da edição ou da tradução no Brasil, aqui estão muitas de suas histórias e personagens, apresentadas em detalhes que revelam a polivalência e o engajamento dos intelectuais da época.

Nesse entretempo, no entanto, “[o] saldo da guerra era avassalador para ele”, frisa a biógrafa. “Além de ter sua mulher dada como desaparecida, vários amigos

próximos haviam sido assassinados pelo nazismo”, diz ela (MARTINS, 2020, p. 215). Na Hungria, a família, que depois se reuniria a ele no Rio de Janeiro, estava a salvo, mas e Magda? Apesar de todos os esforços, não havia conseguido trazer a amada para o Brasil. Paulo era, naturalmente, um homem cindido. No trato dessa questão dramática, Ana Cecília Impellizzeri Martins oferece uma interpretação sensível e arguta: “A situação provocava algum tipo de fratura existencial – Paulo voltou a escrever em húngaro em seu diário, como se tivesse virado a chave que alterava seu registro pessoal.” (MARTINS, 2020, p. 209). Passagens como essa dão bem a medida da qualidade do texto que o leitor tem em mãos, marcado por um estilo que combina, no dizer de Roland Barthes, saber e sabor.

A vida ganha novo sopro com a chegada dos Rónai ao Brasil em 1946. A família – mãe, três irmãs e dois cunhados (o pai já havia falecido) – vai morar na Ilha do Governador, em casa arranjada por Rachel de Queiroz. Na casa, estabelecem uma tecelagem, pequeno negócio que logo prospera e reveste de êxito a aclimação do grupo húngaro em solo brasileiro. Pelo esforço de pesquisa da biógrafa, o leitor vem a saber que esse episódio está registrado em crônica da autora de *O Quinze* (“Um corte de linho”), publicada em sua lendária “Última página” da revista *O Cruzeiro*.

Na amenidade dos dias que correm, Paulo, agora já transplantado na Ilha, segue com as traduções, os projetos editoriais, os artigos na imprensa, que privilegiam a análise de títulos de Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles e Guimarães Rosa. Ao autor de *Grande sertão: veredas*, a biografia reserva atenção especial, à medida que desenha a amizade entre Rónai e Rosa e apresenta o intelectual húngaro-brasileiro às voltas com o trabalho das edições póstumas do ficcionista mineiro (*Ave, palavra*, de 1970, e *Guimarães Rosa: Seleta*, de 1973). A biógrafa, portanto, demarca a contribuição do biografado aos estudos rosianos, o que, nesse particular, faz do livro uma leitura que interessa a quem se dedica aos “vastos espaços” de Guimarães Rosa.

Em 1951, Paulo conhece Nora Tausz, sua futura esposa, em um episódio curioso: fugindo de uma tempestade de verão, ela e o pai, na companhia dos Grünfeld, encontram abrigo na casa dos Rónai. O encontro inesperado resulta em casamento, pouco tempo depois. Com a chegada de Nora, um novo ciclo se inaugura na vida de Paulo – um amor que traz consigo, anos depois de sua ancoragem no país, o testamento definitivo de sua brasilidade, principalmente com o nascimento das filhas, Cora e Laura: “‘Estou experimentando a felicidade, sensação de que andava tão desabitado nesses últimos anos’, ele declarou ao amigo Ribeiro Couto, em carta escrita logo após seu

casamento.” (MARTINS, 2020, p. 246). O casal vai morar em um apartamento em Copacabana até encontrar sua pátria “pequena e definitiva” na casa do sítio Pois É, em Nova Friburgo, concebida por Nora, arquiteta de formação.

O que se segue na biografia é a história de um homem que tem, então, uma segunda pátria para chamar de sua, um país que reconhece seu trabalho e sua contribuição no quadro da cultura e da literatura brasileiras, sempre empenhado em divulgá-las. Dão provas disso as viagens que realiza ao exterior, na companhia de Nora, para dar aulas e conferências em universidades na Europa. Não é à toa que, para se aproximar do universo criativo dos melhores poetas e ficcionistas do século passado, os textos de Paulo Rónai são, ainda hoje, referências incontornáveis, o que explica, ao lado de seu já reconhecido trabalho de tradução (da teoria à prática), a importância de sua atividade crítica – reunida em livros como *Como aprendi o português e outras aventuras* (1956), *Encontros com o Brasil* (1958), *Pois é: ensaios* (1990) – e assinala, por fim, em que medida a biografia em foco interessa aos estudos literários.

Em *O homem que aprendeu o Brasil*, a narração da vida de Paulo Rónai esbarra na página final de seu diário, em meados de 1992, quando chega aos 85 anos, “51 dos quais vividos em terras brasileiras”, adverte a autora (MARTINS, 2020, p. 298). Em pequenos cadernos, durante toda a vida, Paulo fez do diário também sua pátria, menor, de bolso, território emocional que a biógrafa percorre com perspicácia e segurança, recompondo fatos de uma vida que se cruzam no espelho da língua e enredam personagens caros à história da literatura brasileira moderna. Dessa Babel particular, Ana Cecília Impellizzeri Martins devolve Paulo Rónai aos brasileiros do século XXI e põe em movimento o legado de um homem que, se aprendeu o Brasil, tanto mais o ensinou.

*Data de submissão: 02/03/2020*

*Data de aprovação: 30/06/2020*